

A condição de pobre e de rico em três episódios do *Satyricon*

Fábio Faversani

Résumé

Cet article montre comment Petronius traite trois épisodes du Satyricon où apparaissent les actions de personnages pauvres. Tout en partant d'une notion relationnelle de pauvreté, nous cherchons à récupérer les caractérisations que cet auteur latin fait de ses personnages pour qu'ils paraissent riches ou pauvres. Nous cherchons ainsi à voir la façon dont cet écrivain du I^{er} siècle après J.-C. percevait ces notions.

1. Introdução

O *Satyricon* é um romance, datável do século I d. C., que tem sido largamente utilizado pelos historiadores para se analisar a situação dos libertos ricos no Principado romano. Assim, tem-se dado muita atenção à *Cena Trimalchionis* (cc. 26-79), que se presta muito bem a essa análise. Contudo, no *Satyricon* há outros episódios, que são também relevantes à análise da sociedade sob o Principado, mas que não receberam, ainda, tanta atenção. Esses episódios são bastante úteis ao estudo dos livros pobres, que são agentes sociais que têm recebido, igualmente, uma menor atenção dos historiadores.

Procuraremos, ao longo desse artigo, examinar como Petrónio elaborou, através da manipulação de uma noção de pobreza que lhe parecesse de validade mais geral aos leitores de sua obra, os personagens pobres desses episódios e suas contra-faces ricas. Trabalhamos, ao longo do artigo, com uma definição delimitada do que seja pobre. Compreendemos que "pobre" é uma noção relacional, que não se define pela carência ou ausência de algo. Como é um juízo social, não é quantificável. O pobre é aquele que ocupa uma posição de inferioridade num quadro de relações diretas de poder¹, sem que essa posição seja resultante de uma constrição

jurídica, como é o caso do escravo. A condição de pobre se define em função da inserção nos mecanismos de afirmação social. Dessa forma, pobre é sempre pobre em relação a alguém e nunca pobre em si. Adotamos uma noção que incorporasse o caráter sempre relativo da pobreza e, ao mesmo tempo, se fizesse aberta o bastante para que sua aplicação fosse possível tomando fontes e períodos diversos, propiciando pesquisas comparativas que, apesar de não caberem nos limites deste estudo, parecem-nos fundamentais para a compreensão da pobreza enquanto um fenômeno social de amplo espectro e grande dispersão espaço-temporal².

Formuladas essas considerações iniciais, passemos à análise da pobreza em três episódios do *Satyricon*, a saber: o "episódio de Quartilla" (cc. 12-26); a "viagem a Crotona" (cc. 99-115) e a "farsa de Crotona" (116-141).

2. "Episódio de Quartilla" (cc. 12 a 26)

Este episódio, o mais curto dentre os que analisaremos nesse artigo, envolve um número relativamente pequeno de personagens (11). Centraremos nossa atenção em quatro deles: Quartilla, a sacerdotisa de Priapus; Encolpius; Ascylltos e Giton.

O episódio surge na seqüência de uma ida do trio de protagonistas (Encolpius; Ascylltos e Giton) ao mercado, com a finalidade de vender um pálio roubado. Estando lá, reconhecem, nas mãos de um *rusticus*, uma túnica velha que guardava um tesouro que haviam perdido (XII). Após verificar que o tesouro ainda lá se encontrava, iniciam esforços para recuperá-lo (XIII). Neste ínterim, a mulher do campônio se põe a acusá-los de ladrões, ao que eles revidam da mesma forma (XIV). Ocorre a intervenção de algumas personagens que circulavam pelo mercado, e que procuram ficar com o pálio para si, sob o pretexto de levá-lo a juízo (XV). É no capítulo seguinte, em que a cena se desenrola em um albergue, que se dá conhecimento que a camponesa se chamava Psyche e era escrava de Quartilla. Ela nos permite saber que, em algum momento não preservado do romance, Ascylltos e Encolpius teriam profanado seu templo, dedicado a Priapus (XVI, 3). Entra Quartilla, seguida por Pannychis, para conversar com os sacrílegos, manifestando seu temor de que, revelados seus segredos, ela caísse no ridículo junto ao povo (XVII). Em que pesem as juras de discrição quanto aos segredos sagrados que teriam descoberto (XVIII), as mulheres assumem comportamentos estranhos, passando do riso eufórico ao choro abundante e vice-versa (XVII-XIX), provocando o temor dos

sacrilegos (XIX). Graças a lacunas no texto, não se pode saber como, mas os protagonistas são trasladados a outro ambiente — a casa de Quartilla — (XX), onde sofrem uma longa sessão de “torturas sexuais” para contentar a ofendida Quartilla (XX-XXIV). Ainda como parte deste cerimonial, Quartilla faz realizar um rito nupcial unindo Giton e Pannychis (XXV-XXVI, 5). A partir de XXVI, 5, há uma ruptura no texto legado pela tradição textual, de tal forma que, em XXVI, 6 ss., os protagonistas já estão fora da casa de Quartilla sem que saibamos como conseguiram sair de lá.

Tendo o conjunto do episódio em vista, passemos a analisar como Petronio elabora a situação social de cada um dos personagens fundamentais.

Iniciemos pela personagem Quartilla, que aparece como a mais destacada e vejamos o que, na construção petroniana, a faz assumir esta condição.

Um primeiro dado que salta aos olhos é o número de escravos que está sob seu poder. Além de Psyche e Pannychis, vemos uma pequena multidão habitar sua casa durante o banquete. Há, dentre eles, escravos especializados, como o “*cinaedus/embasicoetas*”³ ou os “*palaestritae quamplures*”⁴, que compõem, ao que parece, a *familia Quartillae*. Fazemos a ressalva, visto que alguns destes escravos poderiam estar tomados por empréstimo a alguma(s) das anônimas “*ebriae mulieres*”. Estas são hóspedes de Quartilla, que acompanhavam o festim. É de presumir que Quartilla tivesse boas relações com várias pessoas da cidade, pois seria inverossímil que ela tivesse conseguido tirar da hospedaria os jovens, que certamente resistiram⁵, e conduzi-los até sua casa. Era preciso contar com a colaboração ativa de outras pessoas e com a conivência das inevitáveis testemunhas para que tal fosse possível. Assim, Quartilla, além de ter sob seu poder escravos e clientes, tinha também recursos que expõe no banquete, como as ricas peças do serviço (XXI, 5), pratos sofisticados e fino vinho (XXV, 6). Possuía ainda um *domus*, por certo bastante grande e na periferia da cidade, já que, mesmo gritando, os “torturados” não poderiam ser ouvidos (XXI, 1).

Após destacar os principais elementos que entram na construção da identidade de riqueza de Quartilla, cremos poder analisá-los mais detidamente. Em primeiro lugar, gostaríamos de fazer notar a super-exposição, no correr do banquete, de símbolos de status materiais. Isto se deve a que sua mera posse seria irrelevante para os fins de projeção social. É inevitável concluir que a riqueza devia ser potencializada pela sua exposição para se tornar eficiente enquanto elemento de projeção social. Caso não se faça isto, tem-se virtualmente, como resultado, algo assemelhado a não possuí-

la⁶. Por isso que o suplício dos protagonistas não é feito de forma privada, mas semi-privada, colocado aos olhos das pessoas sob influência da sacerdotisa, que afirma seu poder, ao mesmo tempo que o potencializa por seu exercício.

Um segundo elemento para o qual não podemos deixar de atentar é o próprio exercício do arbítrio por Quartilla. Tanto no albergue, quanto em sua casa, toda a cena acontece estritamente conforme seus desejos. Esta possibilidade de controle absoluto da situação deriva de sua posição no interior deste episódio. Não há aqui ninguém que se equivalha a ela. Todos os personagens, exceto os protagonistas, podem ser divididos em clientes de Quartilla ou escravos de Quartilla, ou escravos de seus clientes. Assim, os protagonistas, enquanto pobres, se submetem ao arbítrio e à arbitrariedade da mulher rica que se colocou em seu caminho. Não há escapatória possível para eles. Para entender melhor a condição de "rica" da qual goza Quartilla, examinemos seus contra-pontos pobres: os protagonistas.

Estes, desde o início do episódio, são colocados em uma posição oposta à de Quartilla. Só são socialmente autorizados a fazer aquilo que não afete quem quer que seja. São até mesmo incapazes de retomar o que lhes pertence — uma túnica sem valor⁷ — de um casal de humildes camponeses. Por que isto? Ascylos é claríssimo em seu diagnóstico (XIV, 2): eles próprios não tinham poder para fazer a lei se movimentar em seu favor, ou seja, não tinham sob sua influência as autoridades locais, nem estavam sob o poder de ninguém que os pudesse auxiliar. Sem essas relações, colocam-se completamente ao sabor das volições alheias, de tal modo que qualquer passante podia, por mais desqualificado que fosse⁸, intervir em seu rumo sem que pudessem se contrapor. Aliás, não fosse a túnica tão desprezível aos olhos dos observadores, eles não a teriam conseguido tirar dali, como, de fato, perderam o pálio. A possibilidade da retirada de seu bem está estritamente vinculada a ausência absoluta de desejo dos outros agentes por ele.

Comparando a rica Quartilla com os pobres Encolpius e Ascylos fica claro que, o que fundamentalmente os diferencia, não é a riqueza, pois todos, afinal de contas, possuíam-na⁹; nem pelo status jurídico¹⁰; nem por outro símbolo de prestígio isolado. A diferença surgia da forma como, através das relações sociais, potencializavam seus símbolos de prestígio, a fim de capitalizar uma projeção social, criando uma situação diferencial muito concreta: ela manda, eles obedecem. Enquanto o dinheiro de Ascylos e Encolpius ficava escondido, a riqueza de Quartilla era super-exposta; se Ascylos e Encolpius fugiam de relações sociais estáveis e procuravam se

manter ao máximo incógnitos, Quartilla investia nelas, quer comprando escravos, quer conquistando clientes, quer assumindo posições de poder em seu universo social, como a de sacerdotisa. Deste modo, o que faz de Quartilla uma mulher rica, não é sua riqueza tão somente, mas principalmente sua inserção, no universo das relações sociais, em uma posição de comando. Obviamente que, para atingir tal situação, é bastante cômodo e, dependendo do nível de afirmação, necessário se contar com riqueza, status jurídico elevado, tradição familiar, erudição, etc. No entanto, cumpre destacar que tais símbolos de prestígio são virtualmente inoperantes se não forem potencializados pelas relações sociais. É nelas que se concretiza e se testa, perante a concorrência dos demais agentes, a capacidade efetiva de afirmação destes símbolos.

3. "Viagem a Crotona" (cc. 99 — 115)

O episódio da "Viagem a Crotona" é um pouco mais extenso que o de Quartilla e inclui número não muito maior de personagens. No entanto, aqui temos uma gradação da hierarquia social mais sofisticada. É sobre ela que centraremos nossa atenção, concentrando a análise em Lichas, Tryphaena, Eumolpus, Encolpius, Giton e Corax, que são os personagens para os quais temos mais dados, construindo um interessante contraponto em relação ao "Episódio de Quartilla".

Este episódio surge a partir do esgotamento das condições de manutenção de Encolpius, Giton e Eumolpus na *graeca urbs* do litoral campaniano. Por um lado, Ascyltos, agora protegido de um *equus romanus*, persegue Giton com o fim de recaptura. Mas, possivelmente, há outras motivações para esta retirada, como o demonstra a inesperada cobrança de satisfações levada a cabo por Quartilla e a revelação de que eles seriam também perseguidos pelo próprio dono do navio em que embarcam para dali fugir. O embarque ocorre graças a Eumolpus, que convida seu novo amigo e seu acompanhante a segui-lo ou, então, a proporem melhor destino¹¹, ainda que sua viagem já estivesse acertada¹². Eles aceitam o convite, indo embarcar (XCIX). Já tendo o barco saído do porto, os protagonistas ouvem vozes reconhecidas por Encolpius e Giton. Estando na parte interna do navio (no porão?), não conseguem enxergar as pessoas que falam no convés, que desejam tê-los nas mãos... De imediato, perguntam a Eumolpus de quem era aquele navio. Ele responde ser de Lichas Tarentino, que retira da cidade Tryphaena, a exilada (C). Ante esta notícia, Encolpius e Giton se desesperam, causando estranheza a Eumolpus. Giton explica o

porquê fogem de Lichas e Tryphaena¹³, deixando Eumolpus igualmente atordoado. Armada esta situação, em meio a um clima de desespero, começam a discutir como sair incógnitos do navio (CI). Seguem os debates, procurando uma saída que, de preferência, deixasse Eumolpus de fora¹⁴. Mas tal alternativa é desde logo afastada. Após discutirem várias possibilidades, aceita-se a idéia de Eumolpus de rasparem todos os cabelos e sombrancelhas, fazendo-se passar por escravos fugitivos, para não serem reconhecidos. Enquanto Corax deixa a cabeça dos fugitivos desnuda, um marinheiro, casualmente, testemunha a execução deste serviço, visto como de mal augúrio sob bom tempo (CIII). Lichas e Tryphaena revelam um ao outro que ambos tinham sonhado com divindades, que lhes diziam que seus fugitivos estavam no navio. Ouvindo tais revelações, Eumolpus procura desaconselhá-los a tomar em conta tais sonhos, mas é interrompido pela testemunha dos acontecimentos da noite anterior, que denuncia a Lichas o que tinha visto. (CIV). Lichas, enfurecido com o desrespeito às leis dos navegantes, ordena a captura e punição dos que o tinham feito. Eumolpus diz ser o responsável por tal injúria. Procurava apenas garantir a detenção de seus "escravos fugitivos" e a cometera por ignorância, não por má-fé. Os "fugitivos" são condenados por Lichas chibatadas. Giton, ao ser açoitado, revela-se por seu grito a Tryphaena e suas servas. Esta, crendo ser real sua condição de escravos sob dura punição, já tendia a perdôá-los (CV). No entanto, Lichas, descrente da aparente condição de seus fugitivos e menos benevolente, faz a sua companheira ver que não há motivo para perdôá-los (CVI). Neste ponto, Eumolpus toma de forma incisiva a defesa dos seus companheiros, abrindo encarnada discussão com Lichas (CVII). A discussão se intensifica, abrindo uma guerra que é detida pela fingida ameaça de auto-mutilição peniana feita por Giton que, com sua farsa, desarticula as forças sob comando de Tryphaena. Ela propõe, em termos desolados e tradicionais, a paz. A proposta, obviamente, logo é aceita pelos protagonistas (CVIII). Eumolpus aproveita e, com solenidade, impõe aos que se renderam um tratado de paz em que estes abrem mão de suas pretensões de uso sexual não autorizado dos derrotados. Acatados os termos, uma festa tem lugar no navio (CIX). Tryphaena inicia a reconquista de Giton (CX). Eumolpus conta a fábula da Matrona de Éfeso para ilustrar como as mulheres não são confiáveis, abandonando tudo por seus amantes (CXI-CXII). A história deixa mal-humorado a Lichas que, aparentemente, teria uma esposa infiel. Encolpius, cortejado por Lichas, assiste enciumado aos já reconciliados Giton e Tryphaena (CXIII). Anuncia-se e de fato tem início uma tempestade que coloca em desespero passageiros e tripulantes. Ocorre o naufrágio (CXIV). Dá-se conhecimento da sobrevi-

vência de todos os protagonistas e de Corax e, ainda, da morte de Lichas, cujo corpo encalha na praia, aos olhos de Encolpius (CXV).

Tendo em vista a trama que move os personagens neste episódio, vamos agora nos dedicar, à moda do feito anteriormente, à análise dos agentes sociais, priorizando, para tal, as relações que estabelecem entre si.

Tomemos, inicialmente, Lichas e vejamos como Petrónio o construiu como um homem rico, que recursos utilizou para que assim parecesse aos nossos olhos. Logo no início do episódio, é Eumolpus quem fornece informações sobre o armador. Petrónio pretendia criar, junto ao leitor, um clima que desse proporções à catástrofe em que estavam metidos. Isto se deduz dos detalhes que apresenta, que são, com certeza, já de muito conhecidos dos outros dois personagens que o acompanhavam. É neste contexto que Eumolpus diz:

C, 7. "si dixerō Licham Tarentinum esse dominum huiusque nauigii" (...) CI, 4. "Lichas Tarentinus, homo uerocandissimus et non tantum huius nauigii dominus, quod regit, sed fundorum etiam aliquot et familiae negotiantis, onus deferendum ad mercatam conduit."¹⁵

E diz, ainda, da embarcação em que navegavam: CI, 9. "*quia magna*", informação confirmada por Encolpius, que fala em: CXV, 13. "*tam magna nauis*". Lichas é qualificado como *dominus* (CXIII, 10). Outro conjunto de dados sobre Lichas é dado pelas reflexões de Encolpius, frente ao defunto de seu perseguidor. Ele nos diz:

CXV, 11-15: "implacabili Lichas. (...) Vbi nunc est, inquam, iracundia tua, ubi impotentia tua?" (...) "et qui paulo ante iactabas uires imperii tui, de tam magna naue ne tabulam quidem naufragas habes. Ite nunc mortales, et magnis cogitationibus pectora implete. Ite cauti, et opes fraudibus captas per mille annos disponite. Nempe hic proxima luce patrimonii sui rationes inspexit, nempe diem etiam, quo uenturus esset in patriam, animo suo fixit."¹⁶

Deixa claro que, de fato, o *dominus* Lichas possuía um bom *patrimonium*. Entretanto, não é isto, mais uma vez, que determina ser Lichas um rico. Revalidando os argumentos que utilizamos quando tomamos o exemplo de Quartilla, gostaríamos de fazer destacar como aparece, no episódio, outro personagem central em relação ao controle de riqueza, qual seja: Tryphaena.

Quanto a ela, não temos referência à posse de riquezas, exceto o fato de ter escravas a seu serviço. Isto é significativo, pois mostra que tal dado não era fundamental, na visão de Petrónio, para construir uma persona-

gem rica, ainda que, é inegável, fosse um elemento relevante. Sem riquezas significativas, ela aparece, aos olhos do leitor do *Satyricon*, como pessoa rica. Ora, se assim o é, com que elementos Petrônio criou Tryphaena rica? Um primeiro dado vem da sua condição de exilada (C, 7). Isto significa que ela se submeteu a um julgamento, onde arriscava ter condições de vencer, caso contrário teria fugido do contato com os juizes. O que nos remete diretamente a uma situação social estável, sem a qual tal empreitada pareceria sem sentido ao leitor¹⁷. No julgamento, contou, naturalmente, com a ajuda de Lichas, que era íntimo de Tryphaena¹⁸. Esta proximidade entre ambos é algo que produz uma afirmação particular à personagem. Tanto mais promovida parece quanto mais demonstra ter ascendência sobre Lichas, colocando-se quase em pé de igualdade pela capacidade de comando durante a crise e a guerra contra os perseguidos. Para ficar em um exemplo, é por sua vontade que se detém o conflito. Outro dado, que demonstra a relevância desta figura no episódio, é o momento em que Eumolpus propõe as cláusulas de um acordo de paz. Neste, dá autonomia a Tryphaena, mas a coloca em um claro segundo plano em relação a Lichas, pois a indenização devida por este em caso de desrespeito ao acordo era o dobro da prevista para sua amiga (CIX, 2). Deste modo, podemos concluir que o único elemento aparente da riqueza de Tryphaena — e elemento suficiente — é o fato de ela poder tratar Lichas praticamente de igual para igual. É verdade que seu domínio sobre quase toda a população do barco, que estava sob comando de Lichas, só é possível por sua relação com esse. Sem isto, ao menos no texto que a tradição nos legou, Tryphaena seria uma pessoa pobre, sem mando sobre quem quer que fosse ou, na melhor das hipóteses, sobre um pequeno número de escravas.

Se refletirmos sobre a condição de rica que Tryphaena possui, em comparação à de Quartilla e Lichas, cremos poder notar um fato muito interessante na forma de Petrônio construir seus personagens ricos e, portanto, na sua maneira de ver os ricos de carne-e-osso que o cercavam. A condição de rica de Tryphaena é diretamente derivada da estreita relação com Lichas, da possibilidade, aberta por esse, dela fazer uso de parte dos recursos que ele possuía, como se sua fosse. Daí ser fácil deduzir que sua posição é profundamente instável, em especial agora que é uma exilada. Isto não significa que ela não seja rica, mas tão somente que esta sua posição é muito mais instável do que a dos dois outros personagens que citamos.

Podemos determinar, assim, qual a importância do controle de recursos financeiros e posse de bens, por exemplo, para o estabelecimento e estabilização da condição de rico. Através destes, é possível se colocar

em uma posição mais confortável no jogo das relações sociais. Com estes, é possível operar vários elementos importantes para a afirmação social, tais como: distribuir benesses e, assim, atrair dependentes; garantir seu nível de vida, quando isolado dos recursos que se pode auferir com as relações sociais, possibilitando retomá-las em condições mais favoráveis; adquirir, por si mesmo, símbolos de status e exibi-los; etc. Assim, Tryphaena tinha sua posição quase inteiramente nas mãos de uma outra pessoa, o que a debilitava. Nesse episódio, Tryphaena é rica por sua relação com um rico. O rompimento dessa relação daria fim à condição que Tryphaena desfrutava.

Ao notarmos isto, é possível afirmar que, em que pese a condição de rico ser fundamentalmente fruto da posição ocupada pelos agentes no jogo das relações sociais, não é possível desprezar a capacidade destes agentes concentrarem, ao alcance de sua autonomia e volição, atributos de afirmação social. Quanto mais eles são capazes de concentrá-los, mais têm capacidade de criar alternativas de afirmação e potencialização de seus atributos, estabilizando sua posição e ganhando uma condição privilegiada entre seus iguais. Da mesma forma, quanto mais ampla a rede de relações sociais que um agente consegue estabelecer, maior a estabilidade de sua posição.

Deste modo, como Quartilla, também Lichas apóia sua condição de rico em uma pluralidade de elementos. Possui uma riqueza razoável e uma rede de relações sociais que não se restringe à própria Tryphaena. Sua posição é afirmada por várias outras relações de amizade. Algumas delas são explicitadas no romance e outras podem ser deduzidas pelo que este nos apresenta.

A maior complexidade, que encontramos neste episódio, na construção dos ricos Lichas e Tryphaena, não fica sem paralelo na "face" pobre, representada por Eumolpus, Encolpius, Giton e Corax. Se, no "Episódio de Quartilla", os três protagonistas se encontravam numa idêntica posição frente à rica sacerdotisa, na "Viagem à Crotona" a situação é diversa. Vejamos em quê.

Um primeiro dado significativo advém de uma relação diferenciada dos pobres com os ricos. Esta relação é o elemento fundamental a dar dinâmica ao episódio. Ela se altera através do uso repetido do mecanismo literário da revelação, que ocorre envolvendo os principais personagens deste episódio. Cada reconhecimento marca uma mudança das possibilidades de ação de cada um dos personagens. Este mecanismo literário impõe um ritmo angustiante ao episódio que transcorre quase todo o tempo à beira da histeria.

Em um momento inicial, apenas Eumolpus sabe que todos os principais personagens estão no mesmo barco, mas desconhece os vínculos que ligavam Lichas e Tryphaena aos seus acompanhantes. Há uma viragem quando estes tomam conhecimento da presença daqueles na embarcação, criando a situação de crise dentro do episódio. Outra viragem se dá quando Eumolpus vem a saber das causas da crise e, voluntariamente, se insere nela. Outra viragem é marcada pelo reconhecimento de Encolpius e Giton por Lichas e Tryphaena. A reconciliação entre os protagonistas marca um último "reconhecimento": o da falta de apego a valores que deveria defender uma pessoa virtuosa. Não é em vão que este "reconhecimento" final é concentrado, em larga margem, na única personagem feminina, dando motivo para Eumolpus contar sua fábula da "Madona de Éfeso". O que nos importa, aqui, mais do que o belo emprego que Petronio faz deste mecanismo literário, tão comum na Tragédia e Comédia, é que todas estas mudanças acabam por não alterar a condição dos personagens pobres. Nenhuma das revelações modifica a igualdade entre Eumolpus, Encolpius e Giton quando estão separados dos ricos. Toda discussão entre eles é marcada pela ausência de um dirigente. Eumolpus se mantém aliado a eles, pois tinha se unido a Encolpius em um "*pro consortio studiorum*" (CI, 2) e os tinha colocado naquele navio não para prejudicá-los "*sed mente simplicissima et vera fide*"¹⁰ (CI, 3). Cria-se, assim, um nível da relação que é interno aos agentes pobres. Este nível é marcado pelo padrão de equidade das relações entre eles ou, dito de outro modo, de amizade.

Este equilíbrio e constância está longe de se verificar no "ambiente externo" ao trio. A posição de Encolpius e Giton é marcadamente diversa da de Eumolpus durante quase todo o episódio. A justificativa deste diferencial é a relação de cada um dos membros do trio com os protagonistas ricos. De princípio, Encolpius e Giton desconhecem ter qualquer vínculo com o dono do barco, o que acaba ficando sem maior significado, pois Eumolpus não parecia estar disposto a fazer uso desta sua vantagem. É dito que, após entrarem no barco, retiram-se para descansar em "*secretissimus locus*" (C, 6). Quando o curso dos fatos os coloca em presença de Lichas, Eumolpus faz uso da sua condição de protegido do armador. Fala-lhe em um tom nada subserviente, assumindo uma pequena falta (CV, 2-3): ao punir seus "escravos" (Encolpius e Giton), que haviam roubado sua *pecunia*, ferindo seu *patrimonium*, havia descumprido uma superstição de marinheiros. Mesmo colocando-se em uma posição altiva, mostra-se sob o poder de Lichas que decide a pena, quarenta chibatadas, a ser administrada aos escravos que não são seus, sem consultar o "pro-

prietário”, aos olhos do qual tudo corre muito convenientemente. Após o reconhecimento de Giton e Encolpius, Eumolpus muda um pouco o tom. Torna-se altívissimo e coloca-se em desobediência a Lichas. Mas o faz de forma cautelosa, tanto quanto possível, quer chamando Lichas à conciliação, quer fundando-se em leis maiores que as suas obrigações de obediência a ele para justificar sua insolência que, tudo indicava, chegaria ao conflito físico. Assim, diz Eumolpus: “*Me, ut puto, hominem non ignotum elegerunt ad hoc officium legatum, petieruntque ut se reconciliarerem aliquando amicissimis*”²⁰ (CVII, 1) e, como descreve Encolpius: “*Negat Eumolpus passurum se ut quisquam ingenuos contra fas legemque contaminet, interpellatque saevientium minas non solum uoce sed etiam manibus*”²¹ (CVIII, 3). Aqui processa-se uma interrupção silenciosa — literalmente, Encolpius e Giton calam-se. Lichas interpela Encolpius, xinga-o de “*latro*” e “*pharmacus*” (CVII, 15)... Encolpius não consegue dizer nada, emudece, treme... é impotente! Não é a toa que Encolpius diz ser Eumolpus “*dux*” (CIX, 1). Eles estão sob seu comando, nada podem, não agem. Se estar desligado de um homem poderoso não é algo muito invejável²², tê-lo irado contra si é tanto pior. Eumolpus era o último bloqueio a esta força irresistível, era o “*periclitantum aduocatus*” (CX, 6) deles.

Mas o conflito cessa e ocorre um retorno às relações passadas. Encolpius e Giton voltam a ter o favor de Lichas e Tryphaena. Eumolpus está tranqüilo. Defendeu seus amigos se opondo a um protetor, mas o fez em nome das mais altas justificativas. De volta à antiga condição, Giton, servido pelas escravas de Tryphaena, namora com ela. Eumolpus compõe poemas e conta fábulas, Encolpius é cortejado por Lichas. A reconciliação com o núcleo de poder os tira da beira da morte, para colocá-los na situação mais confortável possível naquela embarcação.

Junto ao trio temos Corax. Trata-se de um *mercennarius* de Eumolpus (CIII, 1). Durante todo o episódio, não pronuncia uma palavra, não opina, nem reclama. As crises se sucedem ao seu redor e ele só atua em dois momentos. Primeiro em CIII, 3, quando raspa as cabeças de Encolpius e Giton, pois, como já era sabido (XCIV, 15), Corax “*tonsor est*”²³ (CIII, 1). É graças a esta sua formação técnica ainda incompleta²⁴ e aos instrumentos necessários a ela, que Corax faz sua segunda “*aparição*”. Quando o combate no barco se faz inevitável, toma o lado de seu patrão (CVIII, 4) e “*Hinc mercennarius tonsor ferramenta sua nobis et ipse armatus distribuit*”²⁵ (CVIII, 8). Esta opção de Corax pelo lado mais frágil deve-se a um cálculo de vantagem, e não a qualquer obrigação que o unisse a Eumolpus. O vínculo que o liga a este não parece obrigá-lo a tal. Tanto é assim, que Encolpius descreve a sua adesão da seguinte forma: “*Aderat interpellanti*

[i. e. Eumolpi] *mercenarius comes et unus alterque infirmissimus uector*⁷⁰⁶ (CVIII, 4). Aderiu porque quis, com o fez um ou outro passageiro. Sua motivação, porque é de foro íntimo, não interessa a ninguém, nem é explicada. Corax deve ter se posto a serviço de Eumolpus por motivações similares. Porque algo o motivou a tal, sem que esta motivação tenha que ser clarificada. Ele vende seus serviços como profissional não-qualificado e não como barbeiro. Pelo que parece, o órfão (CXVII, 12) Corax coloca-se nesta posição como situação transitória, que lhe garante uma modesta sobrevivência, enquanto não encontra uma forma inserção mais sólida e estável. Isso é o máximo que podemos apreender deste personagem neste episódio. Ele, que arriscou sua vida ao lado dos protagonistas pobres, só levou com a vitória o que no combate pôs em risco: sua integridade física. Feita a paz desaparece mais uma vez da narrativa. Talvez tenha ficado recolhendo seus bens (os instrumentos de barbeiro), mas Petronio não se deu conta disto. No próximo episódio será possível ir um pouco mais longe na análise deste personagem.

4. "Farsa de Crotona" (cc. 116 a 141)

Este episódio dá seqüência, no texto petroniano, ao que analisamos anteriormente. Neste trecho do romance, os protagonistas, através de uma farsa, fazem de Eumolpus um homem rico. Para tal, Encolpius, Giton e Corax fingem-se de escravos do velho Eumolpus. Aqui temos, novamente, o recurso da construção de dois níveis de interação, sendo um privativo aos farsantes e outro aberto à população de Crotona. Este atinge aqui um nível mais agudo do que aquele no episódio anterior, por dois motivos: 1. por sua maior duração; 2. por sua construção não ser coagida por temor a um castigo, mas nascer como forma de obter uma vantagem. Neste episódio, centraremos nossa atenção na transmutação de Eumolpus em rico e, portanto, na construção operada por Petronio. Este episódio é mais longo que os anteriores e tem um número maior de personagens. No entanto, a peculiaridade mais notável se relaciona à ambientação. O ambiente criado por Petronio para sediar a maior parte das ações é mais amplo. Não se trata de uma casa (como no "Episódio de Quartilla" e na *Cena Trimalchionis*) ou de um barco (como na "Viagem a Crotona"), mas de toda uma cidade. Destacados estes elementos, passemos à síntese do desenrolar deste episódio.

Vendo-se salvos do naufrágio, os protagonistas, acompanhados de Corax, põem-se a caminhar e encontram, à distância, uma cidadela. Um

camponês lhes informa ser Crotona, cidade dividida em dois tipos de pessoas apenas: "*Nam aut captantur aut captant*"²⁷ (CXVI, 7). Com esta informação, os protagonistas se dispõem a compor o "*mimus*" (CXVII, 4). Os protagonistas se dirigiam a Crotona, quando Eumolpus aproveita para expor suas idéias sobre a poesia épica (CXVIII). Para mostrar como as vinha aplicando, declama um trecho de seu poema "Guerra Civil" (CXIX-CXXIV). Chegando a Crotona, instalam-se em um albergue para dormir e, no dia seguinte, procurar uma *domus*, passo inicial e necessário à farsa (CXXIV, 2-4).

Após uma lacuna no texto legado pela tradição, Eumolpus aparece já rico e confiante na manutenção da farsa e Encolpius, temeroso, remoendo os pontos frágeis do golpe (CXXV). Após uma nova lacuna, apresenta-se o início do relacionamento sexual entre Polyæmus (nome de Encolpius como escravo) e Circe, uma bela senhora da cidade. A intermediação dos encontros, que nunca chegam a bom termo por causa da impotência que acomete Encolpius, é feita por Chrysis, uma escrava de Circe (CXXVI-CXXVIII). A impotência de Encolpius não só põe em trágica situação a sua nova relação, como também coloca em crise seu antigo relacionamento com Giton (CXXIX). Isto leva o jovem Encolpius a colocar-se em tratamento (CXXX). Os cuidados mostram-se insuficientes e Encolpius se põe sob os encantamentos de uma feiticeira (Proselenos), que Circe lhe arranjou (CXXXI). Como isto também não adianta, a ofendida Circe ordena que seus escravos espanquem Encolpius, que, portando as marcas da surra, já não pode esconder sua aventura fracassada, nem de Eumolpus, que ri de tudo, nem de Giton, que chora (CXXXII).

Encolpius vai ao templo de Proselenos, onde se lamenta profundamente de seu estado (CXXXIII). Lá se submete a uma sessão de "feiticeira" administrada por Proselenos que, sem sucesso, solicita ajuda a Oenothea, sacerdotisa de Priapus, que se diz portadora de poderes mágicos ilimitados (CXXXIV). Quando começa a demonstrá-los, logo se mostra uma farsante das mais miseráveis, o que diverte Encolpius (CXXXV) que, deixado sozinho pelas mulheres, é atacado por três gansos. Defendendo-se, logra abater um e se sente o herói de uma grande batalha. Enquanto se tratava das feridas recebidas em combate, Oenothea retorna e faz um escândalo (CXXXVI): Encolpius havia assassinado o ganso preferido de Priapus. Proselenos, retornando, não faz menor escândalo, deixando o "herói de guerra-assassino" estupefato. Com dinheiro, Encolpius convence as mulheres a perdoar-lhe e o ganso sagrado vira jantar sem maiores problemas (CXXXVII). Os cuidados com Encolpius continuam

após esta confusão, mas causam dores ao “paciente”, que resolve fugir das mulheres, que já estavam bêbadas a esta altura (CXXXVIII).

Segue um capítulo, muito corrompido, no qual Eumolpus, como se acreditasse na própria farsa, manda recado para que seu escravo Polyaeus (Encolpius) se apresente, e com boa desculpa para sua ausência, senão... (CXXXIX). Somos então transportados à *domus Eumolpi*, onde uma “*matrona inter primas honesta*”²⁰, interessada em ser herdeira, vai deixar seu casal de filhos aos “cuidados educacionais” de Eumolpus, que tem relações sexuais com a menina sob os olhares do menino. Ele observava a irmã sobre o velho poeta, na cama, que era balançada, por baixo, por Corax, que mantinha o ritmo conforme as ordens de seu “senhor”. O “moribundo”, que mal podia se mover, queria aparentar, assim, que precisava de auxílio em tudo. Encolpius, inspirado pela cena, chega-se ao menino e vê-se curado, milagrosamente, de seu mal. (CXL). O último capítulo legado pela tradição, com muitas lacunas, mostra-nos a farsa desgastada pelo tempo (“*Captores iam exhausti liberalitatem imminuerunt*”²¹) e pela exigência testamentária de Eumolpus: seus herdeiros, “*praeter libertos meos [Eumolpi]*”²², deveriam comer seu corpo (CXLI).

Ainda que as muitas lacunas tornem o desenvolvimento de algumas passagens um pouco truncado, vejamos o que, na construção petroniana deste episódio, caracteriza o rico Eumolpus. Um primeiro momento a ser analisado é a caracterização que é dada ao amplo cenário da farsa, ou seja, a cidade de Crotona e sua população. Para perceber como era a Crotona do *Satyricon* será suficiente examinar alguns poucos dados.

Um elemento muito importante desta caracterização é a descrição da cidade, feita pelo camponês que é encontrado pelos protagonistas logo após seu naufrágio. Ele diz que naquela cidade perde tempo quem se dedica ao comércio, às letras ou ao espírito (CXVI, 2). Em Crotona, as pessoas só se preocupam, ou em caçar heranças, ou em se fazer alvo desses caçadores de heranças para, nesta condição, serem cumulados por todos de atenção, favores e honras (CXVI, 7-8). Deste modo, ninguém se preocupa em cultivar os campos ou fazer algo rendoso. Segundo o camponês: “*Adibitis, inquit, oppidum tanquam in pestilentia campos, in quibus nihil aliud est nisi cadavera, quae lacerantur, aut corui, qui lacerant.*”²³ (CXVI, 9).

Crotona é, assim, uma cidade debilitada, até mesmo em sua principal fonte de riqueza: a terra. Símbolo claro disto é a pobreza do templo da cidade dedicado a Priapus (CXXXV, 8). Se comparada à poderosa Quartilla, que também era sacerdotisa de Priapus, Oenothea parece muito mais humilde. Suas atividades mágicas só fazem Encolpius rir. Sua única auxiliar é

ainda mais patética. O local onde se realizam as feitiçarias é também a morada da sacerdotisa (CXXXVII, 3: "*domicilius meus*"). Como se verifica com esse exemplo, o retrato dado pelo camponês vai, ao longo do episódio, sendo cuidadosamente reafirmado.

É nesta cidade que os protagonistas vão encenar sua farsa para fazer Eumolpus passar por rico. Para tal fazem uma caracterização cuidadosa de um estereótipo de rico, a ser representado por Eumolpus. Em primeiro lugar, para atrair o favor dos caçadores de heranças, o rico Eumolpus não tem filhos, seu filho morreu. Eumolpus saiu de sua terra exatamente para afastar da lembrança este fato trágico, sempre lembrado pela presença de seus inúmeros clientes e amigos (CXVII, 6). Perdeu, no naufrágio que o jogou ali, 20 milhões de sestércios, mas ainda tinha 30 milhões em terras e dinheiro na África. A perda que mais lhe doía não era essa, "*sed destitutum ministerio non agnoscere dignitatem suam*"⁵² (CXVII, 7). Além das riquezas em terra e moeda, ainda tinha na África "*familiam quidem tam magnam per agros Numidiae esse sparsam, ut possit uel Carthaginem capere*"⁵³ (CXVII, 8). Completando a caracterização, Eumolpus devia reclamar constantemente de doenças que poderiam matá-lo a qualquer momento e, não menos importante, devia anunciar, de quando em quando, mudanças em seu testamento (CXVII, 9-10). Dois outros elementos da composição do Eumolpus rico, que não são explicitados pelos protagonistas na montagem da farsa, são a erudição e um "saber técnico" particular, o saber mentir. Estes elementos já são dados como condições *sine qua non* pelo camponês que lhes havia "apresentado" a Crotona. Diz ele: "*Sin (...) urbanioris notae homines sustinetis semper mentiri, recta ad lucrum curritis*"⁵⁴ (CXVI, 5).

Mais uma vez, mostra-se que para ser rico não basta ter dinheiro ou terras. É preciso ter pessoas que, colocando-se sob a autoridade do rico, ou aliados a ele, façam com que estes símbolos sejam socialmente afirmados. Daí a importância que Eumolpus empresta à suposta perda de seus acompanhantes, elemento necessário à caracterização de um rico. Disso sabia também o camponês, que encontram no caminho. Ele, fazendo sua apresentação *sui generis* de Crotona, diz que as pessoas que têm herdeiros são diferenciadas daquelas que não os têm. Como ocorre esta diferenciação?

"Quisquis suos heredes habet, non ad cenas, non ad spectacula admititur, sed omnibus prohibetur commodis, inter ignominiosos latitat. Qui uero nec uxores unquam dixerunt nec proximas necessitudines habent, ad summos honores perueniunt, id est soli militares, soli fortissimi atque et innocentes habentur."⁵⁵ (CXVI, 7-8)

Afirma-se claramente que a riqueza em sentido restrito, ou seja, ter “dinheiro” é condição necessária, mas não suficiente para ser rico aos olhos de Petrónio. Há de se transformar a riqueza em um trunfo nas relações sociais, sem o que... “*inter ignomiasos latita!*”. Note-se ainda que, na construção do Eumolpus rico, não há uma única referência à invenção de um status jurídico para o farsante. Os protagonistas não se deram ao trabalho de fazê-lo sequer um mísero decurião de uma cidade da África para compor seu retrato. Talvez esse dado, tão valorizado por muitos historiadores, não parecesse tão importante a Petrónio...

Agora, vejamos um pouco os protagonistas em ação na cidade. Logo ao chegar, com todas as informações dadas pelo camponês na bagagem, e o “texto” do *mimus* na ponta da língua, são cercados de atenções e disputados pelos crotonenses: “*certatim omnes hereditariae muneribus gratiam Eumolpi sollicitant*”³⁶ (CXXIV, 4). Com os amigos crotonenses sob controle, Eumolpus é um rico: “*Eumolpus felicitate plenus prioris fortunae esset oblitus statum, adeo ut suis iactaret neminem gratiae suae ibi posse resistere impuneque suos, si quid deliquissent in ea urbe, beneficio amicorum laturos*.”³⁷ (CXXV, 1). Encolpius, de uma forma indireta, teve a oportunidade de experimentar esta nova condição, comprando as feiticeiras por dois áureos e escapando de ser punido por ter assassinado o ganso favorito de Priapus (CXXXVII, 6). Desta vez não teve que ser “sacrificado” ao deus da sacerdotisa Quartilla. A relação já é outra. Oenothea não é Quartilla e Polyaeus não é Encolpius. A redução da diferença de posições sociais permite a Polyaeus sair livre. Ele é um dos preferidos do rico Eumolpus e ela é uma sacerdotisa miserável.

No entanto, a posição dos protagonistas não é inabalável. O limite da farsa é dado não só pelos limites do segredo (CXXV, 3), como também por lhe faltar uma condição necessária. A lógica da interação social é uma lógica de troca. É aí que se colocava o limite mais sério. Conforme informa Encolpius, em um debate com Eumolpus, todos estavam muito dispostos a entrar nesta lógica:

“*Omnia, inquam, ista vera sunt; nec ulli celerius homines incidere debent in malam fortunam, quam qui alienum concupiscunt. Vnde plani autem, unde levatores vixerunt, nisi aut locellos aut sonantes aere sacellos pro hamis in turbam mitterent? Sicut muta animalia cibo inescantur, sic homines non caperentur nisi spe aliquid morderent*”³⁸ (CXL, 15).

No entanto, sendo uma lógica de troca, era preciso haver um retorno. Retorno que Eumolpus, um rico sem dinheiro, não tinha como dar: “*Ex Africa navis, ut promiseras, cum pecunia tua et familia non uenit. Captio-*

*res iam exhausti liberalitatem imminuerunt*³⁸ (CXLI, 1). Aqui se mostra com força o que já afirmávamos: a riqueza não é condição suficiente, *mas é necessária*. O dinheiro, para garantir alguma projeção social ao seu possuidor deve ser potencializado como signo social no jogo das relações sociais, sem o que ninguém conseguia ser o que Petrónio entendia por um rico. No entanto, e este ponto deve ficar claro, sem riqueza não há o que potencializar e o resultado é nulo de todo modo. O jogo das relações sociais não pertence ao reino da fantasia, mas ao da representação social. O que vale para a riqueza, é igualmente válido para outros signos de status. É preciso, antes de tudo, possuí-los para levar a cabo uma estratégia de auto-promoção social, através da valorização de signos distintivos, no jogo das relações sociais.

Depois de vermos Eumolpus rico, passemos a examinar seu mercenário, Corax. No episódio precedente, notamos que o tipo de vínculo que estabeleceu com Eumolpus não o fazia parte do grupo composto pelos protagonistas. Seu vínculo era qualitativamente diverso daquele que estes estabeleciam entre si. Ele recebia um pagamento para prestar serviços diversos na qualidade de *mercennarius*, sem maior compromisso ou proveito do que os garantidos e exigidos por sua relação com Eumolpus. No entanto, ao longo da "Farsa de Crotona", esse quadro se transforma. Ele vai se fazendo algo como um "aprendiz" do trio.

Temos dificuldade em desenhar esta mudança, que fica enevoada porque o foco narrativo de Petrónio pouco contempla Corax. Ainda assim, cremos poder esboçá-la, procurando preencher as lacunas pela perda de parcelas do texto original e pela pouca atenção dada por Petrónio ao personagem, através de algumas hipóteses que se adequam, tanto ao conjunto da obra petroniana, quanto ao possível universo social de um personagem como Corax.

Até este episódio, Corax é desenhado por Petrónio como elemento passivo no grupo. Não fala, não opina. Logo no início deste episódio sua atuação muda. Corax, assumindo a distância relativa que o separava dos demais (*"nec minus liber sum quam uos, etiam si pauperam pater me reliquit"*³⁹ [CXVII, 12]), reclama agressivamente de estar carregando muito peso (CXVII, 11-12).

Isto marca uma viragem bastante informativa. Em primeiro lugar, dá informações, em que pese pouco seguras, sobre sua situação. Corax nada informa sobre seu pai, mas não é difícil colocá-lo como um barbeiro também que, ao morrer, deixou a formação do seu filho incompleta e, em consequência, não lhe legou a garantia de um modesto, mas seguro ganho⁴¹. Abalada assim, a reprodução das condições de sobrevivência não

se completa e temos Corax perdido pelo mundo empregando-se humildemente, como pode. Um pobre a serviço de gente menos pobre que ele.

No entanto, a rotina arriscada de seu empregador vai aos poucos absorvendo-o. No barco de Lichas sua atuação é, em parte profissional (como quando raspa a cabeça de Encolpius e Giton), em parte voluntária (quando atua nas "tropas" de Eumolpus). Não há, até este momento, uma participação mais comprometedora com os delitos cometidos pelo grupo. Isto o mantém livre de possíveis punições, mas o deixa de fora dos benefícios advindos dos golpes, como já vimos ao analisar a "Viagem a Crotona". Em Crotona este panorama muda. Ele participa ativamente na farsa. Coloca-se como um dos "escravos" de Eumolpus e age servindo seu "senhor" nas suas perigosas atividades, como quando o poeta tem relações sexuais com uma menina, deixada para receber educação:

"Coraci autem imprauit ut lectum, in quo ipse iacebat, subiret positisque in pavimento manibus dominum lumbis suis commoueret. Ille lente parebat imperio, puellaeque artificium pari motu remanerat. Cum ergo res ad effectum spectaret, clara Eumolpus uoce exhorbat Coraca, ut spissaret officium. Sic inter mercennarium amicamque positus senex ueluti oscillatione ludebat"⁴² (CXL, 7-9)

Integra-se aos outros farsantes, divertindo-se também com a cena inaudita (CXL, 10). Este nível de integração, inédito até este momento do romance, mostra a transformação que se opera na sua relação com os demais. Corax vai tornando-se membro do grupo, guardando cuidadosamente o segredo e atuando junto com os demais. A transformação, no entanto, não chega a se completar, pois, para Encolpius, Corax continua sendo o *mercennarius* de Eumolpus e, portanto, não é totalmente confiável (CXXV, 3). Mesmo assim, parece-nos que Corax vai deixando de ser *mercennarius* para se tornar membro do grupo, talvez na qualidade de protegido de Eumolpo. É interessante notar esta transmutação, ao longo das ações, de uma estratégia de sobrevivência de Corax (o mercenariato) que é seguro, mas bastante sacrificante, para outra (a adotada pelos protagonistas) que é bastante arriscada, mas, ao que parece, mais atraente.

5. Conclusão

A análise desses três episódios contribui, como esperamos ter conseguido destacar, para uma mais abrangente compreensão da construção social das noções sociais utilizadas por Petronio na construção de sua obra. A importância desses três episódios afigura-se tanto maior para os

estudos que se tem realizado sobre a sociedade romana no Principado a partir do *Satyricon*, à medida que deixam claro que ela é útil, não só para a compreensão dos libertos ricos, que receberam mais atenção da historiografia, mas também dos livres pobres, que participam desses episódios.

Notas

¹ Para uma melhor apreciação de nossa compreensão desse conceito e discussão das categorias analíticas que ele envolve: FAVERSANI, Fábio. "As relações diretas de poder enquanto instrumento analítico para a compreensão da pobreza no *Satyricon* de Petrónio." In: *História Revista* (Goiânia-GO), no prelo.

² Para um maior detalhamento acerca da construção dessa noção de pobreza e do por quê de nossa opção por essa definição, veja-se FAVERSANI, Fábio. *A Pobreza no Satyricon de Petrónio*. São Paulo: FFLCH-USP, 1995. pp. 95-107.

³ Que aparece em XXI, 2 ss.

⁴ XXI, 4 ss.

⁵ Ou, ao menos, pretendiam fazê-lo, como indica o verdadeiro plano de combate que Encolpius desenhou em sua mente. Cf. XIX, 5.

⁶ Note-se que, como lembramos há pouco, os protagonistas possuíam, no momento mesmo em que eram torturados, um tesouro... *guardado*.

⁷ Lembre-se que o tesouro que ela escondia se mantinha oculto aos olhos de todos.

⁸ Como, por exemplo: XV, 4, "*quis ex coconibus, calvus, tuberosissimae frontis, qui solebat aliquando etiam causas agere, inuaserat pallium.*" ("Um dentre os vendedores, calvo, com a fronte tuberosíssima, que recolhia o pálio dizendo agir em favor da justiça...")

⁹ Lembre-se que os protagonistas tinham recuperado seu tesouro no início do episódio.

¹⁰ Ao que tudo indica, Quartilla não tinha um status mais elevado do que os dois protagonistas que perseguiu (sobre o status jurídico dos protagonistas, veja-se: FAVERSANI, Fábio. *A Pobreza no Satyricon de Petrónio*. São Paulo: FFLCH-USP, 1995. pp. 113-116.). São todos livres de nascimento. No texto, não há qualquer indicação de que houvesse distinção entre eles quanto a isso, sendo improvável que tal se verificasse.

¹¹ XCIX, 4, "*uel sequimini me uel, si mauulis, ducte.*" ("Sigam-me ou, se preferem, conduzam.")

¹² Como o demonstra o homem que vem apressá-lo a embarcar (XCIX, 5).

¹⁵ Esta explicação é mencionada, mas não ganha corpo no texto, já que, com certeza, compunha um trecho anterior do romance, hoje perdido. Deste modo, bastava que Petronio mencionasse que Giton havia explicado suas motivações para Eumolpus, visto que o leitor já devia conhecê-las pela leitura de uma trama anterior, hoje perdida.

¹⁶ CII, 2. "*Nec ego [Encolpius] in hoc periculum Eumolpon arcesso. Quid enim attinet innocentem alieno periculo imponere?*" ("Nem eu pretendia envolver Eumolpus em nossos riscos. Qual motivo teria para impôr tais perigos a um inocente?")

¹⁷ "E se eu lhe disser que o senhor do navio em que navegamos é Lichas Tarentino? (...) Lichas Tarentino, homem muito decente, o qual afora este navio, que comanda, tem muitas terras e uma casa comercial, e, por isso, leva bens ao mercado."

¹⁸ "Implacável Lichas. (...) E agora? Diz: cadê tua ira, tua prepotência? (...) Você que há pouco se vangloriava de teu império. Pois, de tão grande navio, nem uma tábuca obteve no naufrágio. Assim vão os mortais: sempre desejando mais e mais. Vão, assim, seguros; vão ajeitar por mil anos o que obtiveram. Ainda tenho próxima a imagem dele inspecionando seu patrimônio... dele acertando em sua mente o dia em que estaria de volta à sua pátria..."

¹⁹ Conforme se deduz do discurso de Ascylltos e Eumolpus sobre o funcionamento da justiça, que precede na obra esse episódio (XIV). Nesse capítulo, os protagonistas afirmam que não teriam nenhuma chance de recuperar sua túnica na justiça, pois, como nos diz Ascylltos: "*Quid faciant leges, ubi sola pecunia regnat? aut ubi paupertas utacere nulla potest?*" ("Que podem as leis, onde só o dinheiro reina, onde a pobreza nunca pode vencer?") (XIV, 2).

²⁰ Parece indicar neste sentido, óbvio por si, a explicação que Encolpius dá a um dos principais motivos do ódio de Lichas e Tryphaena contra ele e Giton. Tal se ligaria a uma humilhação sofrida pelos perseguidores em praça pública (durante um julgamento ou distúrbio?): CVI, 2. "*Lichas memor adhuc uxoris corruptae contumeliarumque, quas in Herculis porticu acceperat, turbato vehementius sultu*" 4. "*Nec ne minus grandi vexatam iniuria quam Licham [Tryphaena]. cuius pudoris dignitas in contione proscripta sit.*" ("Lichas ainda trazia na memória a corrupção a que tinha sido conduzida a sua mulher e afronta recebida no pórtico de Hércules e se turbava por esta lembrança perturbadora.")

²¹ "mas com a consciência tranqüila e de boa fé."

²² "É por eles não lhes serem desconhecidos, como sei, que me escolheram para o fim de representá-los, buscando reconciliá-los com vocês, pois foram já amicíssimos."

²³ "Eumolpus afirmou que se recusaria a tolerar que se tratassem homens livres contra todas as leis divinas e humanas, respondendo duramente as ameaças não só com a voz, mas também com as mãos."

²² Talvez Corax seja testemunha disto.

²³ "é barbeiro".

²⁴ Pelo menos é o que faz crer o fato de ele levar consigo instrumentos de aprendiz, como navalhas sem fio, que são utilizadas por Giton para criar duas farsas: a de suicídio (XCIV) e de automutilação peniana (CVIII, 10).

²⁵ "Assim o barbeiro mercenário distribuiu suas ferramentas para nós e arnou-se também."

²⁶ "Aderiram ao interpelante [Eumolpo] o mercenário e um ou outro viajante, sem muita convicção."

²⁷ "Assim, há aqueles que caçam heranças e há os que são caçados."

²⁸ "senhora das mais importantes".

²⁹ "Os caçadores de herança já estão cansados e contêm sua liberalidade."

³⁰ "Exceto meus libertos [os de Eumolpus]".

³¹ "Vão entrar numa cidade, disse, semelhante a seus campos pestilentos: onde tudo se enquadra, ou entre os cadáveres semi-consumidos, que são devorados, ou aos corvos, que devoram".

³² "mas a perda de sua escolta, que não permitiria que se reconhecesse sua dignidade."

³³ "tão grande número de escravos espalhados por fazendas na Numídia, que com eles poder-se-ia tomar Cartago."

³⁴ "Se são educados e daqueles que estão sempre dispostos a mentir, então, vão direto ao lucro"

³⁵ "Aqueles que têm herdeiros não são convidados a banquetes, nem aos espetáculos, a eles estão vetados todos os prazeres, são colocados entre os infames. Aqueles que nunca tiveram uma mulher de verdade, nem têm parentes próximos, são levados às maiores honras, apenas eles têm glórias militares, só eles são importantes e honrados." Aqui, como em outras inúmeras vezes em que Petrónio usa a *pauperorum uerba*, o camponês dá uma certa ambigüidade à sua fala, já que *lateo* pode ser lido como "coloco de lado", "isolo", mas também como "ponho em segurança". Esta ambigüidade no expressar-se, em Petrónio, será sempre exclusiva da *pauperorum uerba*.

³⁶ "Já todos os caçadores de herança procuravam ganhar o reconhecimento de Eumolpus por seus presentes."

³⁷ "Eumolpus, felicíssimo, já esquecia sua condição anterior. Vangloriava-se de que ninguém podia resistir à sua graça, caso delinqüísse naquela cidade, pois contava com o auxílio de seus amigos."

³⁸ "Tudo isto, disse, é verdade; mas não é menos verdade que rapidamente os homens se lançam à má sorte, quando cobiçam os bens alheios. Como viveriam os enganadores, os ladrões, se não fossem os cofres ou os sonantes saquinhos de moedas jogados como anzóis no meio da massa. Assim, do mesmo modo que os animais mudos são controlados com alimento, os homens ficariam paralisados não fosse a esperança de terem algo para morder."

³⁹ "Não chegam da África os navios com teu dinheiro e tua família, como prometem. Os caçadores de herança já estão cansados e contêm sua liberalidade."

⁴⁰ "Não sou menos livre do que vocês, ainda que meu pai só tenha me deixado a pobreza em herança."

⁴¹ A regularidade da transmissão familiar do conhecimento técnico como forma de perpetuar as condições de sobrevivência dos trabalhadores qualificados é atestada de forma incontestada pela historiografia: MACMULLEN, Ramsey. *Les Rapports entre les Classes Sociales dans l'Empire Romain. 50 av. J.-C. — 284 ap. J.-C.* Paris: Seuil, 1986. p. 93 e p. 165, n.21 e JONES, A.H.M. "Il sistema delle caste nel tardo Impero Romano". In: VERA, Domenico (ed.). *La Società del Basso Impero Romano. Guida Storica e Critica.* Roma: Laterza, 1983. p. 27.

⁴² "Corax se postou embaixo do leito, onde deitou. Colocando as mãos no chão, ergueu-se de modo que, com as costas, movimentava o senhor. Ele imprimia, assim, um movimento lento que era acompanhado pela menina que se mexia manhosa. Quando esta operação chegava ao momento esperado, Eumolpus gritou para que Corax acelerasse o ritmo. Assim, entre o mercenário e a amante se colocava o velho que gozava como se pudesse movimentar por si mesmo."